

# LINGÜÍSTICA E BILINGÜISMO

## SOCIOLINGÜÍSTICA DA SURDEZ E BILINGÜISMO

**Graciela Alisedo**

Lingüista e Profa. da Universidad Museo Social Argentino  
Diretora da Escola Bilingue do Horizonte.



*Sou GRACIELA ALISEDO, argentina e trabalho na área da surdez há 25 anos. Minha formação inicial foi na Linguística, com especialização em Semiótica, na Universidade Nacional de Córdoba. Trabalhei, durante 15 anos em Paris - França, na investigação sobre surdez e pedagogia da surdez.*

*Desde 1987. trabalho em Buenos Aires na investigação linguística. Sou docente na área da Fonoaudiologia da Universidade Museo Social Argentino, no Instituto de Professores Especiais de La Plata e diretora de uma escola de crianças surdas que tem quatro anos de experiência.*

*Estamos implementando uma nova metodologia apoiada no enfoque bilingue de cuja base teórica vou falar-lhes.*

## **I. PRIMEIRO DETONANTE: O FRACASSO ESCOLAR**

A educação de surdos na França está bastante avançada. Os franceses dispõem de meios econômicos e intelectuais que lhes permitem desenvolver não só a educação da criança surda, mas toda a educação. Contudo, apesar destas possibilidades, tornou-se evidente que a educação da criança surda não atingia os níveis que, supostamente, ela poderia alcançar, o que, portanto, era esperado pelos educadores. Por que, então, esses níveis não eram atingidos? Na qualidade de pesquisadora, esta foi uma das primeiras perguntas que fiz. Se a criança surda é considerada inteligente e portadora de potencial que lhe permite adquirir aprendizagens diversas, por que não alcançava êxito escolar? Surgiram, então, outras perguntas: a criança surda é efetivamente inteligente? Todas as pessoas interrogadas responderam afirmativamente: a criança é efetivamente inteligente. Diante dessa resposta afirmativa, as outras perguntas foram mais profundas: por que não obtém êxito? Por que o fracasso escolar da criança surda é tão maciço? Por que, num país do primeiro mundo como a França, o fracasso escolar, é em média de 80%, taxa tão alta? A criança permanece na escola durante um período de 10 a 12 anos, o que representa uma longa escolaridade. Se a educação lhe dedica tanto esforço e tanto tempo, há realmente que perguntar o que estará acontecendo.

Todas essas indagações permitiram à equipe na qual eu trabalhava levantar outras questões: quem tem a culpa? A culpa é da criança? Evidentemente que não. É verdade que a criança tem uma deficiência auditiva, porém ela não é completamente responsável por seu fracasso. A culpa é do professor? Algumas instituições consideram que sim. Sabemos, porém, que muitos professores são formados para certo tipo de metodologia ou práticas educativas.

Em alguns casos, as respostas das pessoas entrevistadas eram... bem, acontece que a criança surda, apesar de ser inteligente, não tem possibilidade de adquirir certas aprendizagens porque a deficiência auditiva a impede. Em outros casos, as respostas eram: os mestres não estão bem formados, são ignorantes, não sabem aplicar os métodos, não trabalham o suficiente, etc. Então, a culpa ou é da criança porque é surda ou é do professor porque não é bom profissional. A culpa nunca recai nem na instituição nem na metodologia. Pareceu-me, portanto, mais interessante questionar a metodologia e a instituição do que as pessoas que integravam este processo. Descobrimos, por exemplo, que as metodologias nunca haviam sido reformuladas; o que se reformulava eram as práticas e as implementações dessas metodologias; as metodologias jamais foram postas em julgamento. O mais adequado, portanto, seria observar as metodologias. Assim, nos encontramos, por um lado, com escolas estritamente oralistas, de oralismo puro. As metodologias não aceitavam nem a língua de sinais, nem a gestualidade da criança. Nestas escolas de estrita organização, com técnicas de oralização importantes, depuradas, conseguia-se, em muitos casos, a oralização da criança, porém o êxito escolar não era garantido. Esta constatação pode ser feita facilmente. Uma criança oralizada, que fala bem, não é necessariamente, uma criança que tenha êxito na escola, que aprenda a ler, a escrever. Como nas escolas o fundamental é a aprendizagem da língua escrita, logicamente essas crianças encontravam a primeira e definitiva barreira. Uma criança que não aprende a ler e a escrever não terá êxito escolar; é incompatível.

## **II. POR QUE A ESCOLA ESPECIAL?**

Pensamos em muitas coisas, inclusive sobre a definição da escola especial. Como se define uma escola especial? O que é especial de uma escola especial? A definição geral, se tomarmos o consenso normal, é de que a escola especial é um lugar que reúne crianças especiais. Em realidade, a escola especial não é especial porque as crianças são especiais. As pedagogias, sim, têm que ser especiais para que essas crianças sejam como as outras.

Em princípio, o ideal seria que a escola especial fosse uma escola onde se desenvolvessem pedagogias especiais. O que tem que ser particular na escola especial é a pedagogia. Se a escola é especial, as metodologias devem ser especiais a fim de conseguir transformar essas crianças em crianças como as outras, que aprendem, que têm êxito escolar e que se interessam em aprender. Esta implantação mostra até que ponto temos que analisar constantemente nossas próprias práticas, porque o que se descobre muito rapidamente é que, das metodologias especiais (das que lhes falo), há pouco nas escolas especiais.

Analisarei dois exemplos:

#### a) A aprendizagem da língua oral

Um dos métodos mais interessantes da oralização é aquele inspirado no método de ensino de línguas estrangeiras. Isto não quer dizer que não sejam inteiramente eficazes para os estrangeiros. Digamos que o ponto de partida, o problema, seja sempre o ouvinte. O ouvinte é sempre o ponto de partida de metodologias que não sejam para ouvintes. Assim, como vimos na oralização, citado no caso da língua estrangeira, damos como exemplo o método Verbotonal. Sei que está em moda no Brasil e seguramente pode chegar à Argentina. Esteve durante muito tempo em moda na França. O autor dessa metodologia, que se chama Guberina, é um fonólogo iugoslavo que organizou um método para a aprendizagem de línguas estrangeiras. O método Verbotonal foi adaptado para os surdos mas não criado para os surdos. A modalidade adaptada à surdez com aparato *ad hoc*, se converteu numa metodologia oralista mas, rígida e restrita. As crianças surdas não conseguiram sair de uma aprendizagem deficitária da língua oral.

#### b) A aprendizagem da língua escrita

É um problema similar. Ensina-se a criança surda a ler mediante a mesma técnica que se ensina à criança ouvinte: partindo da língua oral. Uma vez que a criança aprendeu os rudimentos da língua oral, se lhes ensina a língua escrita. Na maioria dos casos, se lhes ensina a língua oral e a escrita simultaneamente. Os métodos de alfabetização para crianças surdas são inspirados nos métodos de alfabetização para crianças ouvintes. Há o que perguntar o que acontece com esses trabalhos, o que acontece com esta atividade da escola especial? Onde está a diferença? E há uma diferença: o aluno é diferente. Porém, ainda que o aluno seja diferente, o que temos que conseguir é que ele seja como os outros e, para isso, quanto mais pensarmos em metodologias diferentes, mais teremos a possibilidade de transformar essas crianças em alunos como os outros. É como buscar-se caminhos diferentes para chegar-se ao mesmo lugar, ao mesmo objetivo. Se não buscar um outro caminho não se poderá pensar que uma criança que não ouve e outra que ouve podem receber os conhecimentos da mesma maneira. Parece-me falta de lógica.

O trabalho que se começou na França, e que agora seguimos na Argentina, teve como ponto de partida a idéia de que deveríamos diversificar as metodologias e que uma metodologia para a criança ouvinte teria que ser necessariamente diferente daquela para a criança surda. Parecia que a melhor maneira de se trabalhar com a criança surda seria observá-la e, verificar de que maneira se chegaria melhor a ela, a seu pensamento, a seus interesses, a sua vontade de aprender. Foi o que nos levou a pensar, primeiramente, em como se ensina a língua oral (porque esta era a língua que tínhamos casos observáveis). Em segundo lugar, como se ensina a língua escrita e, em terceiro lugar, o que acontece com a língua de sinais. O que acontece com esta língua tão reprimida, tão controvertida, tão discutida e que continua sobrevivendo, apesar da repressão, apesar da proibição, da exclusão; logicamente, era necessário tê-la em consideração. Estudamos muito a história da surdez.

### **III. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO. A LÍNGUA DE SINAIS**

Na Europa, existe uma longa história da surdez, muito interessante. Com um rápido passar de olhos na história da surdez, percebemos que estamos no mesmo ponto em relação ao ano de 1970, na França. É como uma história circular: aparece a língua de sinais na escola e é proibida; então, aparece a língua oral, que fracassa; recomeça-se a língua de sinais; pergunta-se se serve ou não; os surdos se reúnem entre si, os ouvintes de outras filosofias também e a proposta é que se tem que começar com a língua oral, retorna-se e volta-se ao mesmo ponto. Quando se conta a história que o abade L'Epée, em 1760, criou a primeira escola pública para crianças surdas, graças à língua de sinais, e obteve os resultados mais espetaculares da história da surdez; então, as pessoas que não conhecem o problema perguntam porque não foi adiante. É muito complexo analisar em pouco tempo o que aconteceu. Evidentemente, as explicações são muito mais sociológicas que educativas. Elas têm muito mais a ver com o problema do poder entre ouvintes e surdos, um problema de

espaço entre eles - o problema da enorme maioria em relação à mini-minoria. As majorias são autoritárias. A maioria optou pelo oralismo, que não foi o que propôs o abade L'Epée. O abade L'Epée encontrou o caminho da minoria, que não foi aceito pela maioria.

No Congresso de Milão, em 1880, marcou-se o abandono voluntário da língua de sinais nas escolas das crianças surdas. Mas, ela não desapareceu. É a única língua que, sofrendo uma grande repressão, não desapareceu. As línguas orais, que sofrem repressão dessa natureza, desaparecem. Por que a língua de sinais se mantém? Por que resiste? Por que passa de criança para criança. É em consequência de algo mais universal. É a língua que os surdos se outorgaram a si mesmo. Essa me parece ser a razão fundamental pela qual nenhuma maioria conseguirá fazer com que ela desapareça. A única maneira da língua de sinais desaparecer será quando desaparecer a surdez. Enquanto a surdez existir, existirá a língua dos surdos.

## IV. A LÍNGUA ORAL

Por outro lado, a língua oral está aí, a língua da maioria, essa língua que o surdo pode aprender. É uma língua que o permite contatar com certas pessoas que, de outra maneira, não poderia fazê-lo. É uma língua que lhe permite compreender melhor a idiosincrasia do ouvinte, compreender a cultura oral do ouvinte, saber porque podemos falar todos ao mesmo tempo, por exemplo, e nos entendermos, compreender porque uma pessoa está de costas e ri sozinha; em geral, é porque alguém está falando atrás. Tudo isso que forma a cultura da língua oral, o surdo tem que compreender porque está inserido nessa cultura. Portanto, esta língua oral é necessária, indispensável, porém não tem que ser exclusiva nem excludente. É por isso que desenvolveram, na Europa, por exemplo, na Suécia e na França, uma nova maneira de enfocar a educação. É um modo que não se pode chamar de método. Escolher uma língua para a comunicação não é um método. É uma filosofia. Nenhuma língua é um método, nem a língua oral. Há um método para ensiná-la. Quando se fala de oralismo, na verdade, fala-se da maneira de ensinar a língua oral.

## V. O BILINGÜISMO

Pensamos que o mais interessante seria tratar de trocar essa filosofia, explicitando-a. Optamos, então, por chamar de bilingüismo a idéia de educação da criança surda. Simplesmente porque bilingüismo quer dizer duas línguas. São duas línguas e não dois métodos. Uma é a língua dos surdos, a língua que as crianças surdas aprendem rapidamente; essa língua que não precisamos ensinar-lhes porque elas se apropriam dela e a recolhem ao seu redor. Essa é a língua de sinais, a língua que corresponde ao surdo, que é a língua natural do surdo. Uma língua natural pode cumprir a importante função de língua materna e, a respeito do surdo, a única língua natural que ele tem é a língua de sinais. A língua oral ele terá que aprender. É difícil, dura, complicada. O surdo pode aprendê-la, mas não naturalmente, não espontaneamente; não o fará como o faz o ouvinte porque aí está a diferença - ele é surdo. À medida que a língua de sinais é natural e, portanto, pode ter a função de língua materna, é muito importante tê-la em consideração, usá-la, explorá-la o mais possível. Por outro lado, a língua oral é uma língua que o surdo terá que aprender - este é o trabalho do fonoaudiólogo e dos professores de surdos. É a língua que as crianças surdas podem adquirir através do processo sistemático ensino-aprendizagem. Isto nos deu a possibilidade de pensar, em outros termos, toda a educação. Já não temos que esperar que a criança aprenda certas palavras em língua oral para ensinar-lhe a comunicar-se, a dizer bom dia, até logo, a perguntar se está bem ou se está mal, a discutir, a elogiar, a insultar. Essa língua de sinais é, para nossa filosofia, a língua em que a criança irá iniciar toda a sua aprendizagem. Isto não quer dizer que não comecemos ao mesmo tempo com a língua oral, pois já sabemos o que vai suceder. A língua de sinais tem um caminho vertiginoso, tão rápido como o caminho que tem a língua oral para a criança ouvinte, que a aprende rapidamente. A língua de sinais é dominada pela criança surda, que a manipula melhor do que seus pais e professores. E esta aquisição a faz sentir-se tão importante quanto a criança ouvinte. A elaboração dessa auto-estima, dessa autonomia lingüística é muito importante para o psiquismo do ser humano. Prefiro que essa criança surda, aos 2, aos 3 anos, tenha expressões complexas em línguas de sinais a não ter nada porque nenhuma criança surda tem expressões complexas em língua oral nessa faixa etária, o que não ocorreria se ela fosse submetida apenas à língua oral. Nesta faixa etária ganhamos todo o tempo possível. Além disso, se pensarmos que a evolução do pensamento está em

relação direta com a evolução da linguagem, a L.S. desenvolve mais essa linguagem, mais garantia teremos de que o pensamento da criança surda evoluirá. Essa língua garante-nos a evolução que vai permitir toda a aprendizagem futura, inclusive a da língua oral, que não é somente uma técnica de articulação, é um sistema, é um código complexo que deve ser compreendido. Minha experiência foi realizada na França durante 5 anos, numa escola de alunos surdos, com a língua de sinais francesa e a língua oral. A experiência foi muito boa e as crianças, que hoje tem 16 anos, estão todas numa escola secundária. Podemos dizer que nossa experiência foi muito positiva. Foi tão positiva que decidi reiniciar a mesma experiência na Argentina, desde 1987. Não obtive, ainda, os mesmos resultados porque 4 anos não são suficientes. Tenho, porém resultados parciais muito interessantes, bastante positivos, muito alentadores. O que desejo apresentar-lhes é uma escola bilíngüe para crianças surdas.

O bilingüismo é uma língua oral e uma língua de sinais e todos os processos didáticos particulares das línguas que tratamos, que em realidade são 3 e não duas, porque aí está a língua gráfica, esta língua escrita tão complicada, cujo código permitirá maior integração do surdo na sociedade, permitindo estudar, expressar-se corretamente etc. São 3 línguas com didáticas particulares. A L.S. quando chega à criança muito pequena não tem didática. Ela aprende somente vendo os demais fazerem sinais. Todos os professores "falam" a Língua de Sinais. Há professores surdos e professores ouvintes. Os ouvintes têm a responsabilidade pela língua oral e pela língua escrita. Os professores surdos têm responsabilidade pela L.S.. Em princípio, a L.S. desenvolve-se mais que as outras. Todos os professores ouvintes dominam a L.S.. Por que? Os professores ouvintes são responsáveis pelas línguas oral e escrita e pelas aquisições escolares como geografia, história, biologia etc. Entretanto, todas as aquisições são transmitidas na L.S.. O meio de comunicação da escola é a L.S. A língua oral é uma língua estrangeira; é como estudar inglês. É a mesma coisa que ir a uma escola bilíngüe inglês-português, onde as crianças aprendem a língua estrangeira mais sistematicamente, o que lhes permite, ao saírem da escola, serem bilíngües. Nossa escola se chama "Escola Bilíngüe do Horizonte" para crianças surdas. Nesta escola, a língua oral preenche a metade do dia. A língua oral é o trabalho de articulação, linguagem, expressão, estimulação auditiva. A outra metade é preenchida na classe, com as aquisições escolares, que se transmitem em L.S. Os pais aprendem a L.S. e temos uma pedagogia particular para a língua escrita. Explicando: não condicionamos a aprendizagem da língua escrita à aprendizagem da língua oral. A L.S. é um bom meio de explicar quantidades de coisas e apresentá-las às crianças numa leitura-escrita, sem a necessidade de que seja oralizada. Temos a convicção de que a língua escrita é uma língua autônoma, sobretudo para a criança surda. A organização é mais ou menos esta. Desejamos que estas crianças tenham um bom conhecimento da L.S. e, mais tarde, trabalhem, inclusive, a gramática da L.S. e tenham o conhecimento dessa língua como um português tem conhecimento teóricos da língua portuguesa. O importante é que tenham conhecimentos teóricos, pois não se pode continuar pensando que o surdo somente pense concretamente ou que o surdo só tenha linguagem correta. Isto tem que ser afastado e é preciso pensar que o desenvolvimento do pensamento abstrato do surdo é um desafio, na medida em que tenhamos os meios adequados para fazê-lo. Evidentemente, a L.S. presta-se a ir muito mais além em todo tipo de trabalho intelectual e de pensamento lógico. Isto, porque é uma língua na qual os surdos são eficazes. É uma língua em que eles podem ter a mesma criatividade que tem uma criança ouvinte na língua oral; todas essas condições básicas dadas pela língua oral quando se a adquire espontaneamente. Nossa organização é esta. É por isso que se chama escola bilíngüe, simplesmente, porque, nessa escola, existem duas línguas instaladas. A L.S. é a língua da classe; até agora é assim. Não sei se algum dia conseguiremos ter crianças suficientemente bem oralizadas para que se possa dar um curso em língua oral. Aquelas crianças nas quais acreditamos no seu sucesso são crianças que têm 7 anos. As que são um pouco maiores, são crianças que chegaram à escola mais tarde, aos 11 anos. São crianças que nunca haviam ido à escola e que, por isso, não podemos emitir nenhum parecer. Ensinamos o que podemos e aprenderam a L.S. Não esperávamos que a aprendessem, mas, aprenderam um pouco. São resultados interessantes, porém não são crianças das quais podemos dizer que participaram da experiência completa. Não sei se aprenderão a ler e a escrever, isto é uma interrogação, pois vão muito mais lentamente e têm menos escolaridade e vivência do que as de 5 anos que estão na escola desde muito pequenas e que participaram da estimulação comunicativa, que se inicia assim que a criança ingressa na escola. Logicamente, a comunicação gestual surge muito antes. Os que têm 2 anos já fazem sinais como podem e os pais se comunicam com eles por este canal. Realmente, tem havido trocas muito importantes entre as crianças surdas e os pais. Havia pais que sofriam no início, diante da evidência da surdez e da implicação da mesma. Uma escola especial com pedagogias satisfaz aos pais que estão muito contentes com esse tipo de atendimento. Explicamos a eles qual é a teoria da escola. Eles aceitam ou então encaminham seus filhos para outra escola. Não modificamos nossa filosofia em função dos pais. Eles aprendem a L.S. com um professor uma vez por semana e, logicamente, aprendem também com seus filhos porque os filhos vão mais rápidos que

os pais. Essa é uma escola particularíssima. O poder aquisitivo das famílias é muito baixo. A escola sustenta-se por milagre e por esforço daqueles que a integram. Não temos nenhum apoio financeiro. Na Argentina, havia um sistema de ação social que fornecia recursos às escolas. Porém, no momento, com a crise, está debilitado. Há pais que podem pagar; os que não podem, o que fazer? O problema é que as escolas públicas da Argentina estão muito desprestigiadas. Na Argentina, a educação especial tem uma posição completamente estagnada. Atualmente, tem-se conseguido do Diretor Nacional de Educação Especial um olhar de consideração sobre o nosso trabalho e estamos, até, confeccionando um dicionário de L.S.

Quanto ao fracasso escolar de 80% na França, isto ocorre universalmente. Não sei o que se passa no Brasil. Assim como o fracasso é universal, o oralismo também é universal e todas as escolas trabalham dessa maneira.

Temos um equipe muito particular, de pessoas jovens que abandonaram o oralismo antes de chegarem à escola. Pessoa que já se haviam decidido, quando chegaram. Dei-me ao luxo de recrutar professores de surdos que já haviam estudado a L.S., embora esta não seja um estudo que outorgue um diploma.

A escola é mais um centro de investigação, pois é única. Os professores jovens trabalham gratuitamente na escola porque a frustração não faz parte da sua vida profissional, visto que são recompensados pelo desenvolvimento das crianças. A grande interrogação é: a criança vai aprender a ler e a escrever como desejamos? Não posso responder. Respondo, sim, a respeito dos franceses. As crianças surdas francesas aprenderam. Os argentinos têm que aprender. Se não aprenderem, teremos que revisar a pedagogia. Uma pedagogia desse tipo sempre será reflexiva.

Não há frustração, ao contrário, eu diria que há uma espécie de fascinação, porém é um sentimento de fascinação de obter das crianças esse tipo de comunicação, na qual elas respondem, brigam, se zangam, discutem, argumentam. O objetivo primordial de nossa escola é escolarizar as crianças.

## VI. INTEGRAÇÃO ESCOLAR/INTEGRAÇÃO SOCIAL?

Mas, a respeito da pergunta que vocês estão me dirigindo sobre a integração social, é necessário discutir o que é a integração. Nossa idéia de integração passa mais pela formação de uma pessoa que pelo fato de estar escolarizada com ouvintes. Primeiro, acreditamos que irão falar bem, não temos nenhuma dúvida de que não falem, não há nenhuma razão para que não falem, quer dizer, cada criança falará de acordo com suas possibilidades.

Nossa idéia de integração passa muito mais pelo conceito de educação que de oralização, isto é, eu creio, sinceramente, que tem mais chances de intergrar-se laboralmente, que é a verdadeira integração, uma pessoa surda que tenha uma educação do que uma pessoa surda que seja simplesmente oralizada. Então trabalhamos, primeiro, com programas de escolas comuns (os currículos são de escolas comuns), com a diferença de que onde consta língua oral nós colocamos língua de sinais. Os programas escolares dizem que, aos 5 anos (quando criamos o maternal e o pré-escolar), a criança tem que fazer frases completas, expressar desejos, pedir etc., que devem ter, em determinada idade, tal competência lingüística, oral. Aí, então, nós medimos a competência que têm da língua de sinais, e não da língua oral.

Efetivamente, quando nos dirigimos à criança, o que prevalece é a língua de sinais, que é a língua da escola, é a língua que a escola oferece à criança; em sua casa, não tem a língua de sinais. Poderá tê-la com o tempo, porém a verdadeira língua está na escola. O centro onde a criança se nutre da língua é a escola. Sempre se diz que os alunos surdos, filhos de pais surdos, são os melhores alunos. Isto, porém, não nos garante que terão êxito escolar se a língua da escola é oral e não a de sinais. Portanto, essa criança, por mais possibilidades que tenha, quando é escolarizada, em língua estrangeira e não na língua materna, é o caso, em geral das crianças escolarizadas em língua estrangeira com alto índice de fracasso escolar.

Em nosso caso os docentes são estrangeiros falando uma língua estrangeira, um estrangeiro tem boa competência, porém em língua estrangeira, isto é, não são modelo para a criança e no caso do professor de surdos, o professor usa a língua de sinais como meio de comunicação, mas não é o modelo; o modelo é o surdo que está na escola, ele é o referente lingüístico. Entretanto, o professor precisa usar a língua de sinais a fim de poder comunicar-se com os alunos; então ele a fala, é estrangeiro em língua de sinais, isto é, terá o acento de um estrangeiro; isso, porém, não importuna a criança em nada; ao contrário, a criança sabe que o professor está fazendo um esforço e o ajuda e o corrige. Forma parte da idiossincrasia da escola.

Pergunta: Como está a Comunicação Total na Argentina?

**Resposta:** A Comunicação Total na Argentina não está instalada em nenhuma escola. Nós a consideramos uma etapa de transição. Em 1975, quando os americanos invadiram a América Latina com a Comunicação Total, foi uma maravilha para os surdos porque significava para eles a permissão institucional para falarem a língua de sinais. Foi assim que os surdos a viram e, então, todos a apoiaram. A Comunicação Total é, para nós, o motor que colocou em andamento toda uma inovação. Atualmente, considero que está superada porque aparecia como uma metodologia (não é uma língua), na qual a língua de sinais está organizada em função da língua oral.

**Pergunta:** Aqui no Brasil se diz que a Comunicação Total é uma filosofia<sup>(1)</sup>, e não uma metodologia.

**Resposta:** Bem, eu não me oponho que a chamem de filosofia, porém, de todas as maneiras, aí não há uma língua sinalizada correspondente à língua oral e que não foi inventada pelos surdos e, sim pelos ouvintes. Entretanto, foi uma abertura muito importante. Mas, atualmente, na Suécia, na Noruega, na França e em outros países onde se pensa que é preciso avançar, a Comunicação Total é considerada como essa importantíssima etapa de transição pela qual passaram muitos países e muitas gerações de crianças surdas. À medida em que a Comunicação Total usa a estrutura da língua oral para ensinar, não mudamos de língua, é sempre a língua oral com uma nova modalidade visual. Em princípio, a Comunicação Total é simultânea: usa-se oral e o gestual ao mesmo tempo. Se não é uma mesma língua com a mesma estrutura, seria absolutamente impossível porque ninguém pode falar e fazer gestos diferentes ao mesmo tempo. Intellectualmente, é impossível. O perigo é que se transforme a fala das crianças em um pidgin no qual metade é oral e metade é gestual. É complicado fazer a diferença. Para a criança aparece uma oralização com o apoio gestual. E, a meu critério, há outro inconveniente: não existe fora do círculo escolar, isto é, não está nem na comunidade surda, nem na comunidade ouvinte. Digamos que é uma 3ª língua.

**Pergunta:** Qual a porcentagem de crianças na sua escola que usam prótese?

**Resposta:** Todas usam prótese. Se não usam é porque não conseguimos o dinheiro. As crianças menores fazem estimulação auditiva.

**Pergunta:** Em sua escola há professores surdos com formação em pedagogia?

**Resposta:** Não, essa é nossa grande frustração. É frustração por um lado e, por outro, é a realidade. Nossos surdos argentinos não estão educados. Passam anos na escola, 10-15, porém não têm formação para fazer uma pedagogia. É difícil, é um tema duro. Há que formar as pessoas surdas e não é fácil porque são pessoas que fizeram outro tipo de atividade, que nunca refletiram. Foi difícil explicar ao nosso 1º colega surdo que para que a criança aprendesse a língua de sinais ele só teria que falar com a criança, falar conosco, e que a criança aprenderia a língua. Não era necessário fazer uma lista de palavras no quadro de giz. Foi muito difícil, ele não conseguia entender que era tão simples. Afinal, depois de discutir muito e explicar-lhe, ele entendeu. Ele pensava que havia uma quantidade de palavras que as crianças tinham que aprender. Explicávamos que nenhuma criança aprende a mesma lista de palavras. Cada criança aprende em função de sua própria experiência. Mas, ele perguntava: e como a criança vai saber a palavra tal? E nós respondíamos: não te preocupes. Elas aprenderão o que lhes interessa e à proporção que vão aparecendo. Acontece que ele tentava reproduzir o modelo educativo que havia recebido (o da lista de palavras), logicamente. É como ter que desaprender algo, e esse é um tema que nos custa muito. Além disso, não temos meios econômicos. Não podemos oferecer bolsas de estudo aos jovens surdos para formá-los. É difícil, porém, espero que a direção nacional um dia tome decisões a favor de projetos de formação docente.

**Pergunta:** Como você vê a integração do surdo na escola comum?

**Resposta:** Bem, como disse antes vou ser sincera, a integração na escola comum não é assunto que me preocupe. O que me preocupa é que quando tenham 18 anos, tenham intelectualmente as mesmas coisas que os ouvintes. Se se dá o caso de uma criança bem oralizada e, sobretudo, com uma boa língua escrita eu penso que a integração, a posterior, é possível. Porém para nós, não é objetivo. Consideramos que a criança surda está aprendendo nessa escola especial o que lhe vale aprender. A escola comum é uma escola de crianças ouvintes e a criança que tratamos é surda e o único problema do surdo é a língua. Então, se a colocamos numa escola de ouvintes, onde está essa língua que o ajuda a desenvolver-se o mais possível intelectualmente? Não está mais. Confesso-lhes que quando vi esta escola (INES) nestes dias me deu um ataque de inveja enorme, porque aqui, nesta escola, quando vi no pátio do recreio, os menores, os médios e os grandes, pensei: claro, aqui não é preciso fazer praticamente nenhum esforço para que estas crianças usem uma língua de sinais muito rica porque os maiores se ocupam de ensinar tudo aos menores, inclusive palavrões, insultos, tudo e, supostamente, o que não há que saber também. Que interessante! Aqui é uma comunidade. Há uma língua em andamento aqui muito importante que é preciso usá-la, explorá-la; é uma riqueza em estado bruto, que não

(1) Em todo caso a filosofia da Comunicação Total consistiria em considerar a Língua de Sinais como língua subsidiária da língua oral. A Língua de Sinais deve adaptar-se à estrutura da língua oral.



está polida, mas que a possuem. Aqui há que aprendê-la, deve ser muito difícil e muito complexa porque deve haver matizes de todo o tempo já que é uma comunidade completa.

Com respeito à pergunta, o importante da escola especial de crianças surdas é que a língua está aqui e está se desenvolvendo e é preciso usá-la e não eliminá-la. A maneira de eliminá-la seria colocar as crianças em escolas comuns. Penso que há que aproveitá-las, há que fazer a gramática da língua de sinais, história da língua de sinais, tudo. Que aprendam, que façam lingüística, que anotem, que pensem em sua própria língua. Desenvolvi na Argentina um programa de estudos para crianças ouvintes, para adolescentes, essas pessoas tão difíceis. Desenvolvemos o programa com um grupo de lingüistas no Ministério da Educação porque os adolescentes ouvintes não gostam de estudar castelhano, não gostam de estudar a metalingüística de sua língua materna. Aborrece-lhes, lhes parece insuportável. Tratamos de ver como recuperá-los, como motivá-los e a proposta foi que estudassem a língua adolescente, essa coisa que eles falam que é deles. Propusemos, então, aos professores de línguas que começassem o estudo lingüístico não pela língua do Quixote de La Mancha, que é absolutamente aborrecido, e, sim, pela própria língua, essa que eles falam em segredo, essa língua complicada, horrível, Yankee, americana. Foi incrível! Fizeram pesquisas, saíram à rua com gravadores para gravar a língua dos companheiros, foi um "boom".

Platéia: A língua é uma coisa viva, está sempre em evolução.

Alisedo: Como todas as línguas. Aliás, estudando é que se dão conta. Por exemplo: em língua de sinais, na Argentina, captamos isso. Há uma casa para mulheres surdas idosas. Fomos lá e todas ficaram encantadas em nos receber. Pedimo-lhes que nos mostrassem alguns sinais. Verificamos, então, que essas pessoas idosas usam certas palavras que não se usam mais, os jovens não usam. Portanto, os mesmos jovens surdos da escola devem fazer esse tipo de trabalho. Isso é investigação e há que iniciar a investigação junto com a reflexão, seja de que tipo for. Vocês todos tem aqui esse potencial, que me faz sentir inveja. Há muito trabalho que o surdo pode fazer a partir da própria língua e não dá língua dos estrangeiros, que é uma língua trabalhada, elaborada, já tem tudo feito. Aqui está tudo por fazer e podemos levantar coisas novas.

## VII. O QUE É UMA LÍNGUA?

Aqui há uma pergunta muito importante: é sobre a definição de língua. O que é uma língua?

Muitos lingüistas (não todos, por sorte) definem a língua como um código fônico. A definição de língua que me parece mais adequada (para ser abundantemente neutra) é pensar que uma língua é o código de comunicação por excelência e que há um grupo humano ao qual esse código serve para poder comunicar tudo o que lhe interessa dizer. O código é o instrumento que serve de comunicação de um grupo e o faz no nível em que o grupo necessita de comunicação. Isto significa que esse é um povo de índios da Amazônia, essa língua será uma língua determinada, com características determinadas, porém tão língua quanto o português falado no Rio de Janeiro. No caso dos surdos, é exatamente igual: as comunidades surdas, na medida em que têm seu aparelho auditivo comprometido, criam a L. S.; sua competência lingüística está mantida, permitindo-lhes a comunicação; não podendo usar o aparelho audio-articulatório transferem essa competência lingüística para suas mãos e não para seu aparelho fonatório. Assim o importante para o ser humano é seu cérebro e não o aspecto fônico da língua. Os surdos são a prova de que um ser humano é humano porque tem um cérebro humano e não porque fala.

Pergunta: Você acredita que haja uma cultura específica das pessoas surdas?

Resposta: A palavra cultura é muito complicada, porém, em princípio, uma língua transporta sempre uma cultura, quer dizer, uma maneira de ver o mundo, uma maneira de organizar a realidade. Toda a língua organiza a realidade diferentemente, o que quer dizer que não nos entendamos entre brasileiros e argentinos. Mas, o grupo que fala uma língua tem tendência a ter elementos em comum que têm relação com seu modo de ver a realidade. A linguagem organiza o mundo. À medida que essa língua é particular haverá uma língua particular haverá uma maneira particular de organizá-la. Se isso é cultura, então há cultura surda. A cultura surda e a língua de sinais seriam a contribuição dos surdos para a humanidade.

Pergunta: Todo professor de surdos, necessariamente, tem que saber a língua de sinais?

Resposta: Se esta é a idéia, estamos tentando que a língua de sinais forme parte da formação dos professores de surdos. Até o momento conseguimos apenas entrar na pós-graduação. Os estudantes de pós-graduação do magistério de surdos aprendem língua de sinais fora da universidade, em curso particular.

Pergunta: O surdo, obrigatoriamente, tem que ser oralizado?

Resposta: Se eu compreendi a pergunta, o interesse é que haja uma língua oral por um lado e outra de sinais por outro. A criança deve oralizar-se da maneira mais estrita possível porque as pessoas na rua não falam língua de sinais e também não se pode falar e fazer sinais ao mesmo tempo. Quando se trabalha só a língua oral sem a língua de sinais, isto é, trabalhamos todas as técnicas de oralização. As técnicas de oralização continuam as mesmas: o melhor e o mais exigente possível. As técnicas de leitura labial também.

Há um detalhe importante: nós explicamos à criança em língua de sinais porque têm que aprender a língua oral e eles aceitam. É como explicar a uma criança ouvinte o porquê de aprender inglês. Quer dizer, é uma matéria que se chama língua estrangeira, que é obrigação aprender, como fazer os deveres, fazer contas etc., é uma obrigação. Os professores ouvintes quando falam língua de sinais não articulam, não podem articular língua oral e ao mesmo tempo fazer língua de sinais, não conseguem fazê-lo e me parece bem que não o façam porque não podem falar e gesticular ao mesmo tempo; é impossível. Alguma pergunta mais?

Pergunta: Deve-se ensinar a gramática da língua oral ao surdo?

Resposta: Nesse sentido temos trabalhado a didática da língua oral, independente da língua de sinais. Pensamos na estrutura em termos da estrutura da língua oral; por exemplo, ensinar os artigos, não que tenhamos que ensinar os artigos; eles formam parte das regras implícitas da língua oral; acontece o mesmo com as preposições, que é o grande problema. Como ensinar as preposições às crianças? Bem, as preposições não se ensinam; se aprendem, mas não se ensinam, não há como. Tudo o que considerarmos parte do que a criança ouvinte aprende espontaneamente, tratamos de passá-lo o mais naturalmente possível. Dizemos "a casa" e não "casa" e não há explicação para isso, faz parte da estrutura fixa da língua: com relação às frases, pensamos também que estas façam parte do ponto de vista semântico. Temos a grande vantagem de que a criança lingüísticamente já compreende o que é entender e não entender; dizer algo que alguém não entenda, fazer-se entender; este tipo de problema está claro para ela, isto é, não é tão difícil chegar à estrutura, porém a estrutura da linguagem oral se trabalha como estrutura da linguagem oral, sem paralelismo com a língua de sinais.

Bem, se não há outra pergunta... Tentei ser o mais clara possível. Muito obrigada. Vocês têm muitos motivos para continuar nesta escola. O que vi me deixou maravilhada. Aqui há muito o que fazer e bem. Então, adiante. Eu estou à disposição de vocês quando quiserem.